

Sepultado Prudente,

o presidente da ABI

Foi sepultado às 17 horas de ontem, no Cemitério do Caju, o presidente da ABI, Prudente de Moraes, neto, que morreu às 2 horas da madrugada em sua residência, em Copacabana, vítima de neoplasia pulmonar. Operado de um coágulo no cérebro no dia 8 de setembro, na clínica de Paulo Niemeyer, ele passou os últimos três meses de vida em casa (apartamento 201 da Avenida Atlântica, 2768), assistido pelo médico Fernando Pompeu. Segundo o médico, "Prudente esteve sempre lúcido".

Eleito presidente da ABI em setembro de 1975, para cumprir oito meses de mandato, após a morte de Líbero Oswald de Miranda, Prudente foi reeleito em abril de 76 para um mandato de dois anos, que terminaria em maio de 78. Quando sua doença se agravou, assumiu o cargo o vice-presidente, Fernando Segismundo.

O enterro

Encomendado às 16h40m pelo padre Irigoyen, da Igreja de São Januário, na entrada do Cemitério do Caju, o corpo de Prudente foi levado por amigos, parentes e jornalistas ao jazigo número 731 da quadra 18.

Coberto por pétalas de diversas flores, o caixão foi aberto, junto ao jazigo, para que D. Luci, sua mulher, lhe desse o último beijo. "Meu amor querido, adeus, descanse em paz", disse ela. Encomendado mais uma vez pelo padre Irigoyen, o corpo de Prudente desceu à sepultura que fica ao lado da de seu pai.

Também acompanharam o enterro a primeira mulher de Prudente, D. Iná, sua filha Maria e os netos Arnaldo, de 19 anos, e Iná, de 18, o ex-Chanceler Afonso Arinos, o urbanista Lúcio Costa, o arquiteto Oscar Niemeyer, o escritor Barbosa Lima Sobrinho, os Senadores Danton Jobim (MDB-RJ) e Magalhães Pinto (Arena-MG), o escritor Pedro Nava e muitos jornalistas. Ao abraçar Lúcio Costa, Pedro Nava exclamou: "Que coisa horrorosa, hein, Lúcio?"

O velório

O corpo de Prudente de Moraes chegou às 6h30m ao saguão do auditório da ABI, no nono andar, levado pela família. O escritor Barbosa Lima Sobrinho, um dos primeiros a chegar, ajudou a conduzir o caixão até o saguão, onde o corpo foi velado. Às 16 horas, o esquife seguiu na Kombi VZ 3910, da Santa Casa da Misericórdia, para o Cemitério do Caju.

Trezentas e quarenta e quatro pessoas assinaram o livro de presença, mas umas 600 compareceram à sede da ABI para levar o adeus a Prudente de Moraes, neto. Junto ao caixão permaneceram sua mulher, D. Luci Ribeiro, a filha Maria Soares e os netos Arnaldo, de 19 anos, e Iná, de 18. Mais de 20 coroas de flores foram enviadas, entre elas a do Governador Faria Lima, a do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil e as de companheiros da Light, onde Prudente trabalhou durante muitos anos.

Quando o caixão foi fechado, às 16 horas, discursaram o conselheiro da ABI, Pompeu de Sousa, o presidente em exercício, Fernando Segismundo, e o presidente do Sindicato dos Escritores, Raul Floriano. Pompeu de Sousa lembrou que Prudente sempre lutou pelas liberdades democráticas, "em defesa dos torturados, ofendidos e injustiçados".

Também estiveram velando o corpo de Prudente, na ABI, o Diretor Substituto do GLOBO, Rogério Marinho, o diretor do Departamento de Jornalismo do GLOBO, Evandro Carlos de Andrade, a viúva do compositor Villa-Lobos, Arminda Villa-Lobos, o jornalista Otto Lara Resende, Niomar Moniz Sodré, Francisco de Assis Barbosa e Hermes Lima, da Academia Brasileira de Letras.

Depoimentos

Das pessoas que velaram o corpo de Prudente de Moraes, neto, na ABI, O GLOBO ouviu estes depoimentos:

Roberto Marinho, Diretor-Redator-Chefe do GLOBO: "O que se perdeu não foi somente um grande intelectual e jornalista, que trabalhou durante tantos anos no GLOBO, mas um homem cujo caráter e sensibilidade vão sendo cada vez mais válidos nos dias de hoje."

Raymundo Faoro, presidente da Ordem dos Advogados do Brasil: "Estamos todos comovidos porque Prudente era uma das mais autênticas consciências democráticas, e prestou um grande serviço ao País. O pesar da Ordem dos Advogados é imensa, porque, graças a ele, nos unimos em torno de uma grande causa: o Estado de Direito, do qual ele foi um dos maiores líderes."

Barbosa Lima Sobrinho, escritor e conselheiro da ABI: "O Brasil perdeu uma grande figura, destacada não só pelas qualidades de homem como pelas suas grandes virtudes humanas. É um exemplo que fica para a ABI, para que continue a se debater pela liberdade de imprensa e pelos Direitos Humanos."

Almirante Augusto Rademaker, ex-Vice-Presidente da República e colega de turma de Prudente, no Colégio Pedro II, em 1927: "Ele sempre demonstrou suas qualidades de líder, tanto na política quanto na literatura. Sua liderança vem desde os tempos de escola."

Arquiteto Lúcio Costa: "Um brasileiro de primeira grandeza, que o País não conheceu suficientemente bem."

Prado Kelly, ex-ministro da Justiça e do Supremo Tribunal Federal: "Prudente de Moraes, neto, sempre se distinguiu pelo talento, caráter e bondade. Sinto muito sua perda, amigo seu que fui por 60 anos."

Austregésilo de Athayde, presidente da Academia Brasileira de Letras: "Meu companheiro desde 1922, ele foi, sem dúvida, um dos expoentes mais admiráveis deste País, pelo talento, cultura, correção moral, devotamento ao jornalismo e pela maneira intemorata com que soube lutar em defesa da liberdade e dos Direitos Humanos."

Escritor Pedro Nava: "Prudente foi uma das figuras mais completas e equilibradas que já conheci, no sentido moral e intelectual. Também fui seu companheiro no Pedro II. Ele era combativo quando preciso, de grande equilíbrio, e um homem de oposição quando necessário. Foi um dos ases do movimento modernista, com a publicação da revista *Estética*."

Poeta Ferreira Gullar: "Perdi uma das pessoas que mais admirava."

Jurista Sobral Pinto: "É uma grande perda. Ele deixa um claro de difícil preenchimento. A morte de Prudente é a mesma coisa que presenciar uma catástrofe. Uma das vozes mais brilhantes, mais vigorosas e mais necessárias à restauração da ordem jurídica e constitucional do País. Ele era uma garantia em favor das liberdades públicas e individuais."

80
D4/13 2x29
(24)

Poeta Carlos Drummond de Andrade: "Falar bem das pessoas que morrem é um costume caridoso. Mas, no caso de Prudente, é apenas um ato de justiça. Eu acho que poucos brasileiros exerceram, como ele, a arte de pensar, pensar com equilíbrio e segurança, objetividade e isenção. Ele podia, eventualmente, ser um partidário, ter paixões, mas nada disso se refletia no julgamento dele. Era um homem admirável e tanto se comprazia com a música e com a convivência de Pixinguinha, como se dedicava às especulações filosóficas as mais altas. Interessado pelo turfe, era um grande poeta, embora não quisesse sê-lo e não quisesse parecer que fosse. Era um homem de altíssimas qualidades e como amigo eu apenas direi: era meu amigo há mais de 40 anos. Eu não sei se conseguirei substituí-lo e nem sei se há como substituir uma amizade como a dele".

Chico Buarque de Holanda: "Sempre fui grande admirador de Prudente, mas vim aqui também como representante de meu pai (historiador Sérgio Buarque de Holanda) que foi seu grande amigo".

Senador Danton Jobim: "Prudente não foi apenas defensor extremado da liberdade de imprensa. Como defensor da liberdade, em geral, ou seja, daquela liberdade essencial a qualquer sistema democrático. Ele talvez tenha sido um dos últimos liberais autênticos neste País. Sabia defender seus princípios, tinha convicções arraigadas, mas, ao mesmo tempo, era a imagem da tolerância".

Odylo Costa Filho, da Academia Brasileira de Letras: "Nossa amizade foi um sentimento que fluiu toda vida. Prudente era perfeito na amizade, perfeito também pensando ou escrevendo. O convívio com ele era um verdadeiro porto seguro. Lutou pela liberdade de imprensa, contra a censura e, por conseguinte, em defesa dos Direitos Humanos".

Paschoal Carlos Magno: "Ele foi por todos os títulos um raro exemplar de dignidade humana. Sua perda diminuiu sensivelmente o número daqueles que lutaram pela liberdade total do povo brasileiro".

Senador Amaral Peixoto: "Uma grande figura, um grande exemplo, um jornalista extraordinário e também um homem público de grande qualidade. Sua atuação, nos últimos anos, embora com muita discrição, foi extraordinária. A imprensa brasileira e o País perdem muito com a sua morte".

Historiador Hélio Silva: "Foi uma voz que se calou em defesa da liberdade, mas não foi uma voz que silenciou, porque a batalha continua animada pela sua lembrança. Prudente de Moraes, neto, consumiu o fim de uma vida a serviço da causa da liberdade de imprensa. Deu a vida pela liberdade".

Afonso Arinos de Mello Franco: "Prudente era uma das pessoas mais impressionantes de nossa geração. Como escritor, como poeta, como crítico, como jurista, como jornalista, estava sempre muito perto da perfeição. Como homem foi perfeito".

Jota Efegê: "A minha maior ligação com Prudente foi através do Madureira Esporte Clube, do qual ele se tornou sócio-proprietário por meu intermédio. Trabalhamos juntos no Diário Carioca e eu ainda recordo que, terminado o trabalho, lá pela meia-noite, nós participávamos juntos de uma roda de samba".

Said Farhat, presidente da Embratur: "Muitos de nós vamos nos recordar dele pela prosa amena nos velhos tempos do Diário Carioca, ou pela crônica política de grande agudeza ou pela invulgar cultura jurídica. Mas todos nós, jornalistas, vamos nos lembrar dele especialmente pela posição indefectível que ele teve por toda a vida na defesa da liberdade de imprensa".

Oscar Niemeyer: "Ele foi da maior importância como pessoa humana e como crítico. Trabalhei com ele no Patrimônio Histórico. Ultimamente, foi tão útil na ABI, lutando pela liberdade".

Senador Magalhães Pinto: "Pelo ambiente que estamos presenciando, vemos que o falecimento de Prudente de Moraes, neto, trouxe uma mágoa profunda à intelectualidade brasileira e a todos quantos o conheciam de perto. Como seu velho amigo e companheiro de muitas lutas, deixo aqui também a minha saudade e o meu pesar."

Flávio Britto, presidente da Confederação Nacional da Indústria: "A classe empresarial rural manifesta seu profundo pesar pelo desaparecimento da grande figura humana e do excelente profissional que foi Prudente de Moraes, neto."

Prudente

A MORTE encontrou Prudente de Moraes, neto, no exercício integral, vigoroso e bravo daquela atividade que foi sempre a grande paixão desse brasileiro de tantos títulos notáveis: o jornalismo.

MAIS AINDA, encontrou-o na Presidência da ABI, onde a vocação do jornalista combativo, culto, respeitado, se juntaria a alma companheira de quem jamais perdeu as suas profundas raízes na confraria da imprensa e que logo transformou esse espírito solidário em destemidas atitudes em defesa da classe, de colegas individualmente e da indiscriminada instituição jornalística.

PRUDENTE, Prudentinho, Pedro Dantas, jeitos diversos de chamar o mesmo homem indelével nas suas posições profissionais, públicas e éticas, tinha qualidades para ocupar — como o antepassado ilustre — os lugares mais eminentes da nossa República. Preferiu, entretanto, o destino principal da imprensa, onde poderia estar sempre cumprindo os chamamentos do seu fidelíssimo amor à liberdade de ser e de lutar pelo bem do País.

SBH

D4/13 ex 21

(3/4)

Os dois sentidos da vida: as letras e a política

Nascido a 23 de maio de 1904 na antiga Rua Malviro Reis (hoje Aristides Lobo), Prudente de Moraes, neto, perdeu a mãe pouco depois de nascer. Na mesma época morreu-lhe uma irmã. Criado pelo pai e pelo avô materno, Marechal Luiz Mendes de Moraes, Prudente estudou em casa até os 13 anos sob a orientação de professoras que também eram governantas. Aos 10 anos acompanhou o pai numa viagem à Europa.

Depois de concluir o curso secundário no Colégio Pedro II, em 1921, entrou para a Faculdade de Direito. Interessado pela literatura e a política, começou a escrever em 1922, mas seu primeiro trabalho em jornal só foi publicado em 1925, em A Manhã. Depois, foi para A Província, em Pernambuco. De volta ao Rio, trabalhou na Folha Carioca, Diário Carioca, Diário de Notícias, chefiou a sucursal de O Estado de S. Paulo (até 1967) e colaborou no GLOBO e no Jornal do Brasil.

Após dirigir a Sumoc, na década de 50, chefiou a consultoria jurídica da Light.

Com sua primeira mulher, D. Iná, teve uma filha, Maria, que lhe deu dois netos — Arnaldo, de 19 anos, e Iná. Sua segunda mulher foi D. Luci Ribeiro.

No futebol, Prudente era um apaixonado torcedor do Madureira. Ele era um estudioso de música popular, com a qual se atualizava também frequentando bares em companhia de compositores.

O jornalista

"A Associação Brasileira de Imprensa é a casa do jornalista e nossa obrigação é defender o direito de opinar e informar que o profissional tem, respondendo apenas nos termos que a lei lhe atribui". Com estas palavras, tomou posse, em outubro de 1975, o 17.º presidente da ABI, o jornalista, jurista, crítico literário, ensaísta e poeta Prudente de Moraes, neto, o Pedro Dantas.

Nascido a 23 de maio de 1904, no então Distrito Federal, Prudente de Moraes confessava que passara a frequentar as redações desde que aprendera a andar. Mas só em 1925, quando faliu a revista "Estética", por ele fundada, é que decidiu entrar para o jornalismo. E, após mais de 50 anos de profissão, Pedro Dantas ainda se considerava um "foca", lembrando sempre o grande furo jornalístico que perdera: noticiar em fevereiro de 45 a existência da bomba atômica que em agosto os Estados Unidos jogaria sobre Hiroxima e Nagasáqui.

O fato se deu no dia 26 de fevereiro, quando Prudente de Moraes Neto, inconsolável com a morte de Mário de Andrade, ocorreu naquele dia, resolveu fazer o roteiro dos bares em que antes ia beber com o amigo. Num deles, a Taberna da Glória, sentou-se perto da mesa de um americano que murmurava coisas sobre uma bomba, do tamanho de um ovo, que continha energia igual à do Sol, e que seria usada para vingar o bombardeamento de Pearl Harbour pelos japoneses. Como o americano estava bêbedo, ninguém lhe prestou atenção. Mas quando, meses depois, Prudente abriu o jornal e leu sobre a explosão da bomba atômica no Japão, compreendeu que o americano não sabia de algo de que nem o próprio General Eisenhower suspeitava como os jornais da época frisaram.

Neto de um Presidente da República e filho de um deputado, um dos primeiros problemas de Prudente de Moraes foi o de encontrar um pseudônimo. Pedro Dantas surgiu após várias tentativas mal sucedidas, e só vários anos depois descobriu que um parente distante tivera exatamente esse nome. E Pedro Dantas ficou tão conhecido que, anos mais tarde, ao querer o registro como jornalista, teve dificuldades em provar que Prudente de Moraes, neto e Pedro Dantas eram uma só pessoa.

Seu primeiro emprego foi no jornal "A Manhã", de Mário Rodrigues, onde, pelo nome que tinha, ganhou um espaço na página de artigos assinados. Em 27, decidiu fazer uma coluna de cinema. Sua primeira crítica, sobre o filme "Ben Hur", jamais foi publicada, porque a Metro fazia grandes investimentos em publicidade nos jornais, e Prudente considerou o filme "abaixo da crítica". De uma coluna de cinema, passou para uma de turfe, na "Folha Carioca", onde de cronista passou a editor e, finalmente, a redator-chefe do jornal. Mas o emprego durou pouco e, por não querer ficar neutro diante da candidatura de Eduardo Gomes, se demitiu. No dia seguinte, estava empregado no "Diário Carioca", para fazer novamente a coluna de turfe, passando depois a cronista parlamentar.

Convidado por Carlos Lacerda para ser redator-chefe da "Tribuna da Imprensa", Prudente preferiu ser apenas um colaborador por considerar que o Diário Carioca "era um jornal que não se deixa". Passou a fazer uma crônica judiciária para a Tribuna, tornou-se também colaborador de O LOBO — turfe e "diretrizes" políticas — e, finalmente, transferiu-se para o Diário de Notícias, como redator-chefe. O emprego seguinte foi o de diretor da sucursal do Estado de São Paulo, onde ficou 10 anos. Quando abandonou o cargo recebeu uma carteirinha do Estado que o qualificava como "repórter e colaborador".

E Pedro Dantas achava uma enorme graça na qualificação em que fora enquadrado, lembrando que a categoria de articulista — o que na realidade era —, não existia para fins trabalhistas.

O político

— Eu dizia sempre que essa história de escrever artigos não dá votos, e não me acreditavam.

Os poucos 267 votos que conseguiu na única vez em que disputou uma cadeira no Congresso Nacional, pelo Partido Republicano (que presidiu entre 1946 e 1955), cortaram pela raiz a tentativa do neto do primeiro Presidente civil da República, de participar diretamente da política nacional. Mas seria injusto dizer que Prudente de Moraes, neto, não teve uma participação direta na vida política do Brasil nas últimas décadas. Anarquista na juventude, conspiraria, muitos anos mais tarde, para a derrubada de Getúlio Vargas, no seu último mandato, participando, também, das articulações que levaram ao Movimento de Março de 1964.

— A minha insistência na idéia revolucionária era porque a democracia e a República estavam de tal maneira traídas pela política, que se fazia, que, para mim, elas estavam precisando de um movimento purificador. E esse só se obtinha através de um movimento de força. Assim, eu, João Agripino, Raymundo Padilha e outros constituímos aquele grupo intermediário que, durante anos, correu de um lado para o outro, com riscos de ser preso, fazendo contatos entre o comando supremo da conspiração — em que estavam o Mangabeira e o Dutra — e os escalões militares descontentes — explicava Prudente de Moraes, neto, acerca de sua participação na conspiração contra Getúlio Vargas.

Cronista político e atento observador dos processos políticos e sociais, acompanhava criticamente os fatos nacionais. Por isso, talvez, no seu depoimento do Museu da Imagem e do Som tenha comentado que o trabalho político que desenvolveu foi "mais como teórico do que propriamente como participante de greves". O interesse pela política nascera na escola secundária, no Colégio Pedro II, onde o Professor de Português, José Otília dava aulas também sobre os 30 pontos básicos do anarquismo, aos alunos interessados que o procuravam aos domingos. O anarquismo empolgou o jovem estudante, fato que preocupava seu pai, um político tradicional, "que fazia política convencional". Certa vez, Prudente, tomando chá na residência de Ronald de Carvalho, começou a discutir política e a defender o anarquismo, sendo aparteado pelo dono da casa, que lhe disse não ser possível um anarquista tomar chá com biscoitos.

Por algum tempo Prudente afastou-se inteiramente da política. Tinha 23 ações do Banco Mercantil do Rio de Janeiro, "que era ligado a um desses dois imperialismos da época, o inglês e o americano". Ele não ligava para essas ações, que tinha herdado de seu avô materno. "Um dia — contou Prudente —, eu vi entre os lacaies do imperialismo o meu nome. Achei então tudo aquilo uma palhaçada e resolvi abandonar tudo o que se referia à política".

Nos últimos anos, inclusive como presidente da ABI, participou ativamente da batalha contra a censura, e afirmou em 1975: "Não adianta discutir o AI-5 como se fosse uma lei comum. Porque o AI-5 não é uma lei comum. O AI-5 é a expressão de uma situação, a expressão de um sistema de poder. Então, não é o AI-5 que poderia ser modificado, o que poderia se modificar é o próprio sistema de poder".

A 21 de novembro último, Prudente de Moraes, neto, dizia ao Senador Petrônio Portela, que foi à sua casa visitá-lo: "O diálogo político é a única forma de ação que o momento atual comporta, para que o País retorne ao Estado de Direito". O Senador Petrônio Portela, após o encontro, revelou: "Conversamos sobre os problemas institucionais e fiz um relato geral da missão que estou coordenando. Não obstante o período de afastamento da ABI, Prudente de Moraes está inteiramente a par de tudo que ocorre na vida brasileira".

Acrescentou o Senador: "Fiz não apenas uma visita de cortesia, mas prestei homenagem ao poder que Prudente de Moraes, neto, representa, ouvindo-o sobre o trabalho que realiza, por considerá-lo um dos maiores brasileiros e uma das maiores vocações de homem público e estadista que conheço".

O literato

Segundo os dicionários, a literatura é arte da linguagem, e seus instrumentos são a prosa e o verso. Essa definição nunca satisfaz a Prudente de Moraes, neto: para ele — e a essa conclusão chegou depois de muita meditação, até por ter regido uma cátedra de Técnica e Crítica Literária — a literatura "simplesmente não existe, senão em função da antropologia, da sociologia, da psicologia, da filosofia."

Mas essa posição teórica não impede o senso-comum de qualificar Prudente de Moraes, neto, de literato, por seus contos e sua poesia. Qualificação, aliás, que lhe foi dada, desde sua estreia, no jornal pernambucano *A Província*. O jornal apresentou o novo colaborador como "um jovem literato, com parentesco com a família do ilustre Marechal Dantas Barreto" (por causa do pseudônimo Pedro Dantas). E a que ele fez jus muito cedo, com a revista que fundou e conseguiu sustentar por três números, para apoiar o movimento modernista, em 1924: *A Estética*, cuja importância na história da nossa literatura é certamente muito maior do que leva a crer sua curta vida.

Exceto, porém, por sua memória, *Notícia sobre o Romance Brasileiro*, (1939) escrito por encomenda do Ministério das Relações Exteriores, a obra de Prudente de Moraes não se concentra na forma material que a tradição espera: o livro. Está espalhada em jornais e revistas. Colaborou em publicações de vanguarda como "Terra Roxa", "Antropofagia", "Revista Nova" e "Revista do Brasil"; foi crítico de poesia da revista "A Ordem"; e fez crônicas diárias para o "Diário Carioca".

Como contista e poeta, Prudente foi classificado entre os bissexto — quer dizer, os de produção espagada e escassa, não necessariamente os menos brilhantes —, por autoridades como Manuel Bandeira, que incluiu 14 poemas seus na *Antologia dos Poetas Brasileiros Bissexto Contemporâneos*. Um dos 14 é *A Cachoeira*, o mais conhecido dos que Prudente fez. No *Autocrítica*, outro dos 14, Prudente fez sua autobiografia literária:

"Quando romântico
inconformado
era o meu cântico
descabelado.

Sereno esteta
greco-romano
depois fui poeta
parnasiano.

E modernista:
meu verso lírico
mais que realista
já foi onírico.

Hoje, entretanto, meu
verso quero
do sentimento de toda
gente
fácil, sem arte, rude,
fatal,
de frases feitas, como
os de Homero,
e com a força secreta e
ardente
dos grandes sambas de
carnaval."

É a descrição de uma trajetória literária que acompanha todas as curvas da arte em nossos tempos. Mas não foi como participante e co-autor que Prudente de Moraes, neto, acompanhou mais de perto o movimento da literatura, e sim como teórico. Catedrático da Faculdade de Filosofia e Letras da antiga Universidade do Distrito Federal (da qual foi diretor), Prudente chegou a uma visão coerente dos problemas da arte, "obrigado pelo ofício de ensinar". Visão fundada, do ponto de vista filosófico, na tese de que a literatura não existe em si, como querem os dicionários que a definem — ou indefinem — sem referência à sociedade; e, do ponto de vista histórico, na crença de que os tempos da literatura já passaram, ou estão passando, por causa do surgimento de outros meios de expressão e de comunicação, como, sobretudo o cinema.

Mas, além desse fator que poderíamos chamar de essencial, Prudente via outro, na agonia da literatura: a facilidade de informação, que "satura" o público de fatos, deixando pouco lugar para o sonho da ficção, ou para a música do verso. Por isso, explicava ele, dá-se o fato aparentemente estranho de que a literatura prospere atualmente na URSS: nos países em que a informação é cerceada, "as pessoas voltam a encontrar na literatura uma compensação, como num processo de sonho em que a realidade é compensada". Por motivos análogos, Prudente pensava que a literatura tem ainda um papel a desempenhar no Brasil, "um papel crescente".

SBH
D4/13 Ex 21
(4K)